



Sugestões para

LITURGIA DOMINICAL

14 DE ABRIL DE 2017 | SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO DO SENHOR - ANO A

A cruz do Senhor, broto da esperança

Textos Bíblico-litúrgicos: Is 52,13-53,12 // Sl 30 // Hb 4,14-16;5,7-9 // Jo 18,1-19,42.

Oração (segunda opção): Que Deus nos conceda ser semelhantes ao Filho, a fim de que, pela graça, sejamos a imagem do ser humano novo.

Oração depois da comunhão: Renovados pela morte e ressurreição de Jesus, conserve em nós, ó Deus, a obra de sua misericórdia, para que, participando desse mistério, sempre lhe consagremos a vida.

1. O morrer é ocasião de silêncio. A grandiosidade deste mistério que toca a todos os seres vivos é uma realidade da qual nos tornamos todos solidários, pois diz de nossa própria humanidade, marcada desde sempre pela finitude. É nesse horizonte que experimentamos o silêncio da morte de Jesus. Na cruz, para o evangelista João, Jesus está imerso plenamente em nossa humanidade: a encarnação alcança sua máxima expressão, porque a morte é a glorificação. A cruz do Senhor é lenho do qual brota vida. O alcance universal da morte-glorificação de Jesus não se justifica apenas porque Ele participa de nossa humanidade, mas também porque Ele a vive como Filho, partícipe da vida de Deus: “[...] na consumação de sua vida, tornou-se causa de salvação eterna para todos [...]” (II Leitura, v.9). Seu morrer, por mais trágico que nos pareça, abre-nos uma esperança, a de que somos irmanados em sua filiação divina. O sentido para nosso existir agora se nos apresenta claro: somos chamados a nos aproximar da presença do Pai, não mais com medo, mas na confiança de filhos e filhas: “Aproximemo-nos então, com toda a confiança, do trono da graça, para conseguirmos misericórdia e alcançarmos a graça de um auxílio no momento oportuno” (II Leitura, v.16).

2. A ação do aproximar-se, nas Sagradas Escrituras, era reservada aos sumos sacerdotes, que podiam entrar no Santo dos Santos, uma vez por ano, por ocasião do Yom Kippur, o dia do perdão. A morte de Jesus marca o rompimento do véu que nos separava da presença do Pai. Jesus é feito sumo sacerdote porque nos possibilita um real e definitivo encontro com o Pai (cf. II Leitura, v.14). Ele é o sacerdote eterno não porque fazia parte da casta de Aarão, mas porque ofereceu plenamente sua vida em favor de todos. Do início ao fim de seu ministério, ofertou sua vida à humanidade, principalmente aos excluídos e desamparados. Sua morte é a radicalização dessa oferta, em sacrifício definitivo, que a todos alcança. O que era Justo suportou toda a injustiça do mundo e isso nos justifica: “Por esta vida de sofrimento, alcançará luz e uma ciência perfeita. Meu Servo, o Justo, fará justos inúmeros homens, carregando sobre si suas culpas” (I Leitura, v.11). O Cristo crucificado resgata o pecado de todos, repartindo conosco as riquezas de uma vida em liberdade, porque nos enxerta na própria vida divina (cf. I Leitura, v.12).

3. A segunda opção da oração do início desta celebração nos aponta para a direção do novo nascimento como filhos e filhas de Deus, por participação no mistério da vida de Jesus: “[...] Concedei que nos tornemos semelhantes ao vosso Filho e, assim como trouxemos pela natureza a imagem do homem terreno, possamos trazer pela graça a imagem do homem novo [...]”. Celebrar o silêncio da cruz de Jesus nos aponta já para o horizonte da ressurreição. Aqui, percebemos a sacramentalidade do que celebramos nesse Tríduo Pascal: o Cristo que se doa inteiramente por amor aos seus é o mesmo que Deus ressuscita. Este dia não é para nós de tristeza, mas de reserva expectante, pois já temos a certeza da ressurreição. A Paixão do Senhor, como uma grande noite escura, já nos deixa entrever a luz da Ressurreição. E é nesse mistério que somos inteiramente mergulhados, quando celebramos o Tríduo Pascal, núcleo dinâmico do ano litúrgico: morrendo com Cristo, ressuscitamos com ele para uma vida nova, pois surgimos como humanidade nova. Esse dom de Cristo não é privilégio para poucos, mas convite de comunhão que se estende a toda a humanidade. Os braços estendidos do Crucificado recebem a todos, por isso a liturgia de hoje nos conclama a rezar a Oração Universal.

4. Nessa cruz, que alcança a todos, estão todos os injustiçados do mundo. Violentados e mortos com Cristo, esses irmãos e irmãs esperam pela ressurreição. Essa ocasião é propícia para que assumamos uma postura libertadora, de anúncio de ressurreição aos que padecem. O jejum desse dia deve ser sinal de solidariedade para com os que estão excluídos do banquete da vida. Deve nos colocar em comunhão com aqueles que convivem com a absoluta falta dos meios básicos para uma sobrevivência digna. Essa solidariedade, simbolizada pelo jejum, deve nos impulsionar às obras de misericórdia, para com todos os pobres da terra, que participam do sofrimento de Cristo, o Justo vitimado pela injustiça. Cristo é o solidário por excelência e, nós, os cristãos, assumimos essa solidariedade como caminho pessoal de santidade e, ao mesmo tempo, de valorização do outro. A cruz do Senhor deve nos lembrar das cruces diárias, nas quais os irmãos e irmãs são pregados. Assim como Cristo, esses crucificados precisam viver a luz da ressurreição. Somente quando todos participarem, sem exclusão e em abundância, da festa da vida, a nossa experiência cristã se plenificará. Eis a nossa esperança!

Sugestões litúrgicas

- 1. O vazio do espaço sinaliza nosso silêncio de comunhão no sofrimento do Senhor e dos muitos irmãos e irmãs.*
- 2. Pela manhã, uma pessoa pode jogar, ao longo do corredor da capela, ramos de ervas perfumadas e deixar a capela fechada até a hora da Ação Solene.*
- 3. É imprescindível que a equipe de liturgia e os ministros que atuarão na celebração estejam previamente atentos e conscientes dos ritos e rubricas do Missal, para que a comunidade celebre melhor.*
- 4. Guarde-se o silêncio na celebração.*
- 5. Para a proclamação do Evangelho, devido à sua extensão, as pessoas podem ser convidadas a acompanhar em assentadas. Uma boa opção é a proclamação dialogada. Cuide-se para que a leitura seja bem preparada.*
- 6. Toda a reserva eucarística trasladada na noite anterior deve ser consumida nessa celebração. Ela não deve voltar ao sacrário, que permanece vazio.*